

6 Considerações finais

Precisamos ter um pé no sonho, outro na realidade e um pouco de uma sã ousadia louca.

(Paulo Freire)

Chegar ao final da pesquisa, no momento quando começamos a nos sentir um pouco mais preparados para mergulhar nela, é um sentimento que, com certeza, compartilho com muitos outros mestrandos. Contudo, em mim, essa sensação talvez esteja mais forte. A opção metodológica escolhida, por si só, já impõe a necessidade da continuidade desse estudo.

Quando comecei a construir o meu tema de pesquisa, as angústias, dúvidas e desejos eram muitos e me impulsionaram ao desafio de fazer, no pouco tempo disponível, uma pesquisa quantitativa.

O pé no sonho me inclinava a desenvolver uma pesquisa que desse conta de descrever o perfil dos alunos matriculados no PEJ e suas trajetórias escolares. Demanda resultante de anos de trabalho com as classes populares e, em especial, com os jovens e adultos que perseguem a escola, ou melhor, o direito de estar nela, e concluir os seus estudos. A busca de respostas para muitas perguntas tornava-se uma meta da qual eu não conseguia me afastar.

Esse envolvimento tão grande com o tema da pesquisa levou-me à ousadia de querer realizar um survey, uma pesquisa por amostragem, que desse conta de fornecer descrições sobre esses alunos e suas trajetórias escolares, que pudessem ser generalizadas para toda a população de alunos matriculados no PEJ. Persegui esse objetivo, mesmo sendo alertada de que não daria conta de atingi-lo no tempo e condições disponíveis.

Muito a contragosto, sinalizei no meu projeto de pesquisa a possibilidade de realizar um estudo-piloto, o que eu considerava ambição modesta demais, face à emergência do meu problema:

Ciente das restrições de tempo e recurso para a realização de survey por amostragem, dentro das normas estabelecidas para o mestrado, poderei, para fins da elaboração da dissertação, encerrar este trabalho com a realização de um estudo intermediário, ou seja, um bom estudo-piloto que me permita

dar continuidade à pesquisa de maneira independente, após a conclusão do mestrado, já que os dados úteis a serem obtidos a partir da realização da mesma, são de meu interesse profissional. Esta decisão será tomada de acordo com o encaminhamento da pesquisa, com o auxílio do meu orientador (Projeto de Pesquisa, 2003, p. 10).

O pé na realidade se fez presente logo que comecei a entender melhor como deve ser um bom survey e a função do estudo-piloto para sua qualificação³¹.

Como não tinha conhecimento sobre a metodologia de pesquisas de survey, precisei recorrer a uma disciplina introdutória que me desse sustentação para realizar o trabalho. Foi desafiador fazer o estudo-piloto de um survey, ao mesmo tempo em que aprendia como deveria fazê-lo.

Chego ao final dessa dissertação, tendo realizado muito menos do que queria, ou seja, um survey, mas tendo conseguido realizar o estudo-piloto, um estudo menor completo, que incluiu todas as etapas do desenho da minha pesquisa, da seleção da amostra ao relatório final, o que me dá possibilidade de continuar o trabalho fazendo os acertos necessários e os refinamentos, qualificando, assim, o futuro *survey*.

Apresento, nesse capítulo final, uma avaliação do estudo-piloto, apontando as necessidades de mudanças no desenho da pesquisa e relatando algumas das descobertas propiciadas pela descrição e análise dos dados trazidos pela pesquisa, tendo em mente o seguinte passo: a elaboração de uma pesquisa de *survey*.

6.1 Avaliação do estudo-piloto

Apesar de um estudo-piloto diferenciar-se de um survey definitivo pelo seu tamanho, que é menor do que o segundo, o presente trabalho não teve essa característica. Realizei todo o desenho da pesquisa num tamanho próximo do pretendido no estudo final. Minha intenção foi realmente testar os diferentes aspectos que envolveriam a pesquisa final.

³¹ Não poderia deixar de revelar que, durante toda a pesquisa, agi como se estivesse realizando um *survey*, mergulhando fundo em todas as suas etapas e amargando um certo ressentimento de não ter tempo, no mestrado, para concluir o estudo definitivo.

Em relação à amostragem, defini uma amostra representativa da população, selecionando-a a partir das mesmas premissas que pretendo usar no futuro *survey*. Foi feita uma amostra probabilística por conglomerados, considerando, como conglomerados, as escolas com funcionamento de PEJ.

Essas escolas foram escolhidas, aleatoriamente, por sorteio, a partir da lista de todas as escolas com PEJ. Trabalhei com um maior número de conglomerados e um menor número de unidades amostrais. Entre as 94 escolas com PEJ, 8 foram selecionadas e, em cada escola, 20 alunos responderam o questionário. Para escolha dos alunos, optei por uma estratificação de acordo com o bloco de aprendizagem de referência em que estavam matriculados. Assim, dos 20 alunos selecionados em cada escola, 5 pertenciam a cada um dos 4 blocos. Minha amostra final contou com a participação de 160 alunos. A escolha dos alunos por bloco e por escola, também, foi feita a partir de sorteio, com o auxílio de recurso do programa EXCEL.

O estudo-piloto sinalizou que, no desenho da amostragem, talvez fosse necessária a revisão da escolha das escolas. Ao optar por fazer a escolha dos conglomerados por meio de uma seleção aleatória, prevendo que, de uma lista de elementos da população, alguns fossem escolhidos aleatoriamente, corri o risco de que a minha amostra não tivesse, por exemplo, a presença de escolas das diferentes áreas da cidade. A situação vivida nesse estudo-piloto não comprometeu a análise dos resultados, já que não houve esse problema nas escolas sorteadas, o que me possibilitará a replicação da análise dos dados para a população do PEJ.

Contudo, como pretendo por meio do futuro *survey* conhecer o perfil sociodemográfico e cultural dos alunos, a localização geográfica da escola pode vir a introduzir certo viés nas características dos alunos que a procuram; para não correr esse risco, será preciso, no desenho final, realizar uma estratificação para a escolha das escolas, fazendo com que a amostra guarde o maior número possível de características da população.

O questionário usado neste estudo-piloto, cujo processo de construção mereceu destaque nessa dissertação, tendo em vista sua relevância para a pesquisa, apesar de ter sofrido as mudanças e ajustes indicados pelo pré-teste e por algumas das considerações dos especialistas, ainda se apresenta como um instrumento que precisa de reformulações e refinamentos significativos que

podem trazer contribuições importantes para o encaminhamento de mudanças no futuro *survey*.

A leitura da dissertação de mestrado intitulada *A vingança dos anexos*, de Patrícia Lacerda, permitiu-me uma maior compreensão do que foi vivenciado por mim nesta etapa da pesquisa. Busquei relatar, ao longo da dissertação, a complexidade do processo de construção desse tipo de pesquisa em educação e, principalmente, de seu instrumento de coleta de dados contextuais. Também relatei as duas formas diferentes utilizadas no estudo-piloto para a aplicação do questionário: de maneira auto-administrada e como roteiro de entrevista. Na primeira estratégia, as falhas relacionadas à formatação do questionário, principalmente no que se referia às perguntas-filtro, que remetiam o respondente para percursos por blocos de questões diferenciados, puderam ser percebidas e sanadas imediatamente, já que antes da entrega definitiva dos instrumentos era feita uma revisão dos mesmos pelo pesquisador, na presença do respondente. Essa estratégia, além de permitir a correção imediata dos percursos de respostas dos alunos, também possibilitou ao pesquisador conferir a compreensão das respostas apresentadas, colhendo, assim, subsídios para o refinamento das questões que comporão o *survey*.

Durante o trabalho com os alunos do PEJ I, que pressupunha a leitura pelo pesquisador de todas as perguntas, o contato olho no olho com o respondente provocou um mergulho mais fundo na sua lógica diante dos quesitos do questionário. Nessas circunstâncias, pude constatar, muitas vezes, que essa lógica era diferente daquela que eu pressupunha, ao elaborar cada item. Ao término de cada noite de trabalho, desnudava meu questionário um pouco mais, identificando informações ocultas, que só as entrevistas me permitiram ver.

O acúmulo de observações feitas ao longo da aplicação do questionário, da elaboração da base de dados e das descrições e análises posteriores permitiu identificar alguns itens do questionário que precisarão de modificações futuras.

O questionário abrangeu todas as questões que eu pretendia investigar, e um dos pontos passíveis de mudança refere-se, precisamente, ao seu tamanho. Como consequência do meu envolvimento com o tema, procurei aproveitar a oportunidade aberta pela pesquisa, para incluir perguntas que foram sugeridas pelas minhas indagações gerais sobre a EJA. Diante, por exemplo, das dificuldades enfrentadas pelos alunos de acesso aos direitos de cidadania, incluí

no questionário itens que identificassem se os alunos do PEJ possuíam documentação legal como, por exemplo, carteira de identidade, CPF, título de eleitor, carteira de trabalho. Pretendia verificar se, enquanto supervisora do PEJ, precisava buscar parcerias que garantissem aos alunos acesso a esse tipo de documentação, que é uma exigência para inserção em diversas frentes de atendimento ao cidadão. Esses e outros quesitos que, muitas vezes, não se mostraram pertinentes ao tema que pretendia investigar, acabaram por tornar o questionário muito longo e por me levar a desconsiderar algumas variáveis nas minhas análises.

Apesar disso, devo ressaltar que não houve, por parte de nenhum respondente, comentários negativos sobre o tamanho do questionário e que, tampouco, o tempo médio despendido em seu preenchimento superou o previsto. Contudo, isso se deve muito mais à estratégia usada na aplicação do questionário do que à adequação da quantidade de perguntas. Concluí, assim, que o instrumento utilizado no estudo-piloto teve mais questões das que terá o futuro *survey*.

O formato do questionário, aliado à estratégia de aplicação, garantiram um retorno bastante satisfatório de respostas. Pouquíssimas questões não foram respondidas, fazendo com que os índices de não-respostas apresentassem percentuais muito baixos, o que garantiu a possibilidade de análise de todas as variáveis.

Os itens do questionário foram organizados em quatro seções, contendo, no início de cada uma delas, comentários sobre os objetivos das questões. A ordem de apresentação dos itens e das seções foi pensada de forma a estimular a participação dos respondentes. O instrumento começa pelas questões que tradicionalmente exigem mais atenção, por se referirem a dados do passado da vida do aluno, e termina com perguntas mais rotineiras, que não exigem o esforço da memória.

Após a aplicação do questionário, construí a base de dados de acordo com o desenho do *survey*, utilizando o programa SPSS. Ao elaborar o espelho da base de dados, fui percebendo a importância da ação direta do pesquisador também nesse momento da pesquisa, pois, quem elaborou e aplicou o instrumento de pesquisa executará com mais propriedade essa fase, sem perder ou omitir dados importantes. Foi um dos momentos mais ricos do estudo-piloto.

A etapa da análise das variáveis no estudo-piloto, que se seguiu à construção da base de dados, garantiu uma compreensão melhor de quais informações são necessárias para minha investigação e de que forma elas devem ser apresentadas. Esse estudo apontou as modificações que precisarei realizar em itens do instrumento que será utilizado no *survey*, a fim de produzir, efetivamente, dados úteis. Por exemplo, foram identificadas questões com frequência maior de respostas na categoria *outros*, de respostas não-excludentes, de respostas qualificadas ou comentários diretos. No Apêndice desse documento, descrevo algumas das questões que necessitam de reformulações e refinamentos, para compor o futuro *survey*.

Outras mudanças deverão observar a variância das respostas em algumas perguntas, levando em consideração os propósitos do meu estudo e, em especial, do item analisado e as relações possíveis entre as variáveis. Este cuidado deverá acontecer, principalmente, em relação à análise das trajetórias escolares dos alunos, tema central de minha pesquisa.

A opção de trabalhar no estudo-piloto com um instrumento composto de 105 variáveis, com uma amostra muito próxima, em tamanho, daquela a ser utilizada no *survey*; o fato de ter realizado sozinha todo o processo de construção da base de dados; e também de me debruçar na descrição e análise de todas as variáveis, exigiu muito esforço e tempo, comprometendo a conclusão de algumas tarefas.

Ao encerrar o estudo-piloto, acredito que tenha me aproximado dos procedimentos adequados para sua realização. Não consegui, contudo, concluir o processo de validação interna dos itens, que deverá ser completado antes da realização do *survey*. Não consegui, tampouco, encerrar as mudanças identificadas como necessárias ao instrumento da pesquisa, tendo em vista o tempo disponível para conclusão do trabalho.

Aprendi e verifiquei o quanto a realização de pré-testes e do estudo-piloto podem qualificar a pesquisa. Reconheço, contudo, que realizar uma pesquisa de *survey*, executando as etapas necessárias que a antecedem, exige disponibilidade de tempo e de recursos, o que muitas vezes leva pesquisadores a abrirem mão de sua realização.

Conquistei, com a realização desse trabalho, experiência no planejamento e desenvolvimento de um estudo-piloto, o que me dá condições de antecipar que

poderei realizar futuramente um *survey* que possa contribuir para o conhecimento dos alunos do PEJ e para subsidiar as políticas de EJA do nosso município. Além disso, como a amostra do estudo-piloto foi extraída com o rigor necessário para que representasse a população alvo, e os demais procedimentos de um *survey* também foram respeitados, chego ao término do estudo com algumas descobertas preliminares, mas essenciais, obtidas a partir da análise dos dados, que deverão ser fundamentalmente as mesmas do *survey* final.

6.2

Algumas descobertas da pesquisa

As análises que compõem o corpo do trabalho e as principais descobertas aqui apresentadas são o resultado de estimativas pontuais que representam o valor apurado na amostra, utilizando os pesos amostrais e que permitem expandir as análises realizadas para a população do PEJ. Cabe ressaltar que, quando trabalhamos com levantamentos amostrais, trabalhamos também com uma margem de erro, já que, na pesquisa por amostragem observamos apenas uma parcela da população. Esse relatório não apresenta os erros amostrais, devido aos constrangimentos de tempo colocados pelo término do prazo destinado à apresentação desse trabalho e também pelo fato de que me encontro ainda em fase de aprendizagem sobre esse tema. Todos os percentuais apresentados foram obtidos utilizando o peso amostral, tendo sido evitados os resultados muito próximos que prescindiriam dos cálculos do erro amostral.

Os dados levantados por intermédio desse estudo-piloto poderão ser comparados com os que serão obtidos no futuro *survey*.

As descobertas iniciais dessa pesquisa se constituem em informações relevantes, das quais devem se apropriar os profissionais que atuam nas diferentes instâncias da educação de jovens e adultos, pois poderão gerar um maior conhecimento sobre os alunos e subsidiar o desenvolvimento de estratégias de atuação baseadas nesse conhecimento.

Ressalto que um pequeno número de variáveis puderam ser analisadas a partir dos dados obtidos na ficha de matrícula dos alunos ausentes no momento da pesquisa. Ao serem examinadas, essas variáveis apontaram que esses alunos guardam as características da amostra, não tendo sido identificadas descrições

divergentes daquelas identificadas na população. Em síntese, a exploração dos dados obtidos no estudo-piloto me permitiram chegar às seguintes considerações:

- **Aluno do PEJ, quem é você?**

i. O PEJ não tem uma única cara. A marca de sua população é a heterogeneidade. Trata-se, entretanto, de uma heterogeneidade equilibrada, sem predomínio de grupos específicos. Há diferenças de gênero, cores, locais de procedência, idades, religiões, constituições familiares, escolaridade dos pais, diferentes inserções e não-inserções no mercado de trabalho. A variância encontrada em grande parte dos itens relacionados a fatores sociodemográficos e familiares da população ajuda a formar um grande mosaico, que desafia a criação de uma política educacional que atenda às diferentes exigências, necessidades e expectativas do alunado.

ii. Contrariamente, os itens relacionados com fatores econômicos e culturais, tais como: renda familiar, propriedade de pequenos bens e acervos, consumo cultural do aluno, hábitos de leitura e de estudo e os de participação em diferentes grupos sociais unificam a população do PEJ, caracterizando-a como um grupo desfavorecido no que se refere à estrutura e ao volume de capital econômico, cultural e social detido pelos alunos e suas famílias.

iii. A inserção dos alunos do PEJ em diferentes grupos sociais organizados na forma de grêmios, sindicatos, associações de moradores, partidos políticos e grupos culturais é inexpressiva, excetuando-se a participação em grupos religiosos.

iv. A pesquisa aponta a necessidade de se investigar o grau de influência da igreja na vida dos alunos – nos seus hábitos e características culturais, pois comentários complementares a algumas respostas, realizados pelos respondentes do PEJ I, indicam que há uma presença significativa da religião na vida dos alunos, em seus hábitos de estudo, na sua seleção de leituras, na participação em grupos organizados, nos motivos que os fazem retornar à escola, nos espaços culturais que freqüentam e em torno a outros aspectos sociodemográficos e culturais.

v. Em relação à hipótese subjacente a esse estudo, segundo a qual estaria se efetivando, no PEJ, um processo de juvenilização dos alunos, foi verificado que a *média* de idade dos alunos matriculados é de 28,5 anos, o que não confirma a presença maciça de jovens no programa. Contudo, a frequência maior de alunos em algumas faixas de idade mais baixas, percebida pela identificação da *moda* da idade de 16 anos, pode estar sinalizando um ingresso crescente de jovens no programa. A pesquisa aponta, assim, para a necessidade de se fazer o acompanhamento da idade dos alunos, a fim de observar se essa tendência se confirma ou não.

vi. A análise estratificada da variável *idade*, identificou, no PEJ II, o predomínio da matrícula de alunos mais jovens e, no PEJ I, de alunos com mais idade.

vii. Verificou-se o ingresso precoce no mercado de trabalho em 49% da população de alunos do PEJ.

viii. Mulheres, jovens e negros matriculados no PEJ constituem os grupos mais prejudicados pela seletividade do mercado de trabalho: representam o maior percentual de pessoas que não têm carteira assinada e que estão alocadas na menor faixa de renda salarial. Mulheres e jovens também são os que estão fora, com maior frequência, do mercado de trabalho.

• **Aluno do PEJ, por onde você andou?**

i. Os alunos do PEJ têm, em sua maioria (92%), uma trajetória escolar anterior ao ingresso no PEJ. Confirma-se, assim, a hipótese de que o PEJ é um programa voltado para atender as pessoas com experiência prévia de exclusão escolar.

ii. A maioria dos alunos que relataram a existência de uma trajetória escolar anterior à matrícula no PEJ estudou em escolas públicas.

iii. O ingresso na escola ocorreu, com frequência bastante significativa, na idade de escolaridade obrigatória e, em muitos casos, na Educação Infantil: 67% dos alunos do PEJ ingressaram na escola até os 8 anos de idade e 40% na Educação Infantil.

iv. Foi verificado que a idade com a qual os alunos da população pesquisada ingressaram na escola foi influenciada, entre as variáveis analisadas, pelo estado de procedência e pela escolaridade dos pais: entre os que entraram tardiamente na escola, há uma maior frequência de alunos que não são naturais do Rio de Janeiro; entre os fluminenses, foi verificado um percentual maior de alunos que ingressaram na escola a partir da Educação Infantil.

v. A escolaridade dos pais explica a idade de ingresso dos alunos na escola regular. Foi verificado que quanto maior a escolaridade dos pais, menor a faixa etária dos filhos no primeiro ano de vida escolar. Contudo, não foi observado, nesta pesquisa, o mesmo fenômeno quando a escolaridade dos pais ultrapassa o ensino fundamental.

vi. A existência de reprovações marca a vida escolar de parcela significativa da população e é influenciada por outras variáveis: 67% dos respondentes relataram reprovações ao longo de sua trajetória escolar; a frequência de experiências de reprovações foi verificada com maior intensidade entre os alunos mais jovens.

vii. Uma marca na população pesquisada é a evasão escolar dos alunos, identificada com base nas interrupções que aconteceram ao longo de sua vida escolar: 83% deles declararam ter parado de estudar uma ou mais vezes durante a frequência à escola regular.

viii. Considerando que todos os alunos matriculados no PEJ não conseguiram concluir o ensino fundamental e têm 14 anos ou mais de idade, no caso da população investigada, a evasão escolar interferiu mais na trajetória escolar dos alunos do que a reprovação, já que 29% dos alunos declararam não ter experiência prévia de reprovação escolar, embora não tenham conseguido concluir o ensino fundamental.

ix. A escolaridade obtida até a saída definitiva do ensino regular pode ser explicada pelo impacto de diferentes aspectos relacionados ao aluno, tais como a cor, o gênero, o estado de procedência, a relação entre a idade do aluno, a série de início da escolaridade e as interrupções na vida escolar: foi

verificada uma discreta desvantagem para as mulheres em relação aos homens quando medida a série final de estudo antes do ingresso no PEJ; evidenciou-se, também, uma desvantagem para os declarantes de cor negra, já que 65% dos negros pararam de estudar na 4ª série ou antes, sendo este percentual superior ao dos que se autodeclararam brancos ou pardos e que avançaram mais na escolaridade; a 5ª série é a última série cursada no ensino regular pela maioria dos homens matriculados no PEJ; os alunos naturais do Estado do Rio de Janeiro ultrapassaram a 4ª série, antes de abandonar a escola, com maior frequência do que os alunos oriundos de outros estados; entre os alunos que pararam de estudar uma vez, 49% não ultrapassaram a 4ª série; entre os alunos que pararam de estudar mais de uma vez, 59% não ultrapassaram a 4ª série.

x. O fato de iniciar a escolaridade na Educação Infantil afeta significativamente a série de terminalidade dos alunos: os declarantes que iniciaram seus estudos na Educação Infantil apresentaram certa vantagem em relação àqueles que iniciaram seus estudos posteriormente; todos os alunos que chegaram até a 8ª série, antes de ingressar no PEJ, freqüentaram a Educação Infantil; apenas 8% dos alunos que freqüentaram a Educação Infantil não ultrapassaram a 1ª série da escola regular. Esses resultados demandam outras pesquisas que introduzam novas variáveis de modo a refinar a compreensão da associação positiva entre freqüência à Educação Infantil e permanência na escola.

xi. Na população do PEJ, encontramos 16,5% de alunos oriundos de projetos de correção do fluxo escolar, tais como *Aceleração da Aprendizagem e Progressão*. Esses alunos se encontram matriculados majoritariamente no PEJ II. Considerando que esses projetos estão relacionados às séries iniciais do Ensino Fundamental, e que o PEJ II trabalha com conteúdos equivalentes às séries finais, podemos concluir que o ingresso desses alunos não está, aparentemente, apontando o fracasso dos referidos programas. Esta hipótese mereceria uma pesquisa específica, já que o estudo desenvolvido não teve o objetivo de realizar uma avaliação dos programas, mas tão somente de identificar a freqüência de alunos que passaram por eles e que estão matriculados atualmente no PEJ.

xii. A pequena parcela da população que não estudou antes de ingressar no PEJ (8%), apresenta as seguintes características gerais: percentual maior de mulheres; percentual maior de pessoas mais velhas; filhos de pais que, como eles, não tiveram oportunidade de estudar; entre os homens, o principal motivo alegado para não ter estudado foi o ingresso no mercado de trabalho, já para as mulheres foram outros os motivos, ligados às funções tradicionais da mulher na família/casa; entre os respondentes naturais do Estado do Rio de Janeiro, a entrada no mercado de trabalho os afastou da escola. Por sua vez, entre os nascidos em outros estados, foi a inexistência de escola ou vagas que apareceu como um dos motivos que explicam a falta de frequência à escola.

- **Por que você voltou para a escola?**

i. Os objetivos que trazem os alunos de volta à escola variam de acordo com o gênero e a faixa etária. Os homens e as pessoas mais jovens vêm a escola como um meio de conseguir um trabalho ou de ascender no emprego; as mulheres e as pessoas com mais idade demonstram mais vontade de aprender a ler e a escrever.

ii. A maior parte da população afirmou o desejo de continuar os estudos (93%) e muitos afirmaram que pretendem chegar à universidade.

iii. O conhecimento adquirido, para um percentual bastante expressivo da população, é o ponto forte do PEJ. Entre os alunos do PEJ I, a figura do professor se destaca como aquilo que a escola tem de melhor.

iv. Os resultados da pesquisa apontam que, ao retomarem suas trajetórias escolares, matriculando-se no PEJ, os alunos não mais interromperam seus estudos. Contudo, não foram investigados alunos que abandonaram a escola antes do momento da pesquisa, pois esta envolveu apenas os alunos que chegaram até o final do ano letivo. Torna-se necessária a realização de um novo estudo que investigue quantos e quais são os alunos que se reintegram à vida escolar e depois a abandonam novamente, bem como os motivos que os fazem tomar essa decisão.

v. A demanda apontada pela pesquisa da realização de estudos visando identificar a evasão e a baixa frequência às aulas dos alunos matriculados no PEJ, foi ratificada pelo levantamento realizado no estudo-piloto junto à amostra de alunos: entre os alunos sorteados para compor a amostra da pesquisa, 52% não estavam presentes na escola no dia da aplicação do questionário. Considerando que, nas análises preliminares feitas no estudo-piloto, a evasão foi o fenômeno que marcou mais fortemente a trajetória prévia desses alunos, antes do seu ingresso no PEJ, podemos levantar a hipótese de que a história, mais uma vez, pode estar se repetindo. Caso essa hipótese seja confirmada, os profissionais que atuam nas diferentes instâncias do PEJ precisarão rever o compromisso político do programa, sua proposta pedagógica, a prática docente e a articulação com outras políticas públicas municipais, para que, efetivamente, atendam às necessidades e expectativas dos jovens e adultos das camadas populares, de modo que eles não desistam, mais uma vez, da escola.

Chegando ao final desse trabalho, verifico que o estudo-piloto mostra a pertinência de algumas hipóteses que deram sustentação a essa pesquisa, entre elas, a de que os alunos matriculados no PEJ são egressos do próprio sistema educacional. De outro lado, aponta para a necessidade de revisão de outras hipóteses, tais como a da juvenilização da educação de jovens e adultos, demandando pesquisas complementares.

O estudo forneceu, também, várias pistas sobre o que deverá ser pesquisado no *survey* final. Entretanto, as descobertas iniciais desta pesquisa já podem se transformar em instrumentos de trabalho para tantos outros que, como eu, atuam na educação de jovens e adultos.

Por sua vez, a opção realizada, no decorrer do trabalho, de utilizar, articuladamente, metodologias quantitativas e qualitativas de pesquisa, foi impulsionada pelas exigências impostas pelo problema que pretendia investigar³² e me ajudou a compreender que, na pesquisa social, o mais importante é a capacidade de selecionar os instrumentos de pesquisa

³² Foi, inicialmente, pelo fato de os alunos do PEJ I não saberem ler, e por não poder deixá-los fora da amostra, que decidi trabalhar com o questionário, aproximando-o de um roteiro de entrevista.

mais adequados para o problema que estamos pesquisando. A adoção dessa estratégia vem ao encontro da questão do pluralismo metodológico. O pesquisador social precisa adotar uma postura metodológica mais aberta, evitando o que Bourdieu (1989) chama de “monoteísmo metodológico” e definindo a metodologia a partir da indissociabilidade entre a teoria e a prática.

A utilização de questionários e de entrevistas permitiu que, no decorrer do estudo-piloto, pudesse inferir relações entre as falas dos alunos e os dados do questionário, que foram extremamente férteis em minhas análises posteriores do instrumento. Nesse sentido, pude enxergar melhor alguns resultados, remetendo-me às histórias de vida incessantemente contadas pelos alunos entrevistados e que não poderiam ser traduzidas nas opções de respostas apresentadas no questionário auto-aplicável. Compreendo que a metodologia diferenciada de aplicação do questionário, imposta inicialmente pela limitação do analfabetismo dos alunos, me permitiu enxergar melhor a complexidade do instrumento.

Considerando que um único estudo não prova coisa alguma, e somente uma série de estudos pode começar a fazê-lo (Babbie, 1999), convido a outros tantos professores que têm compromisso com a escola pública e, em especial, com a educação de jovens e adultos, a sonharem, ousarem e realizarem estudos que possam nos ajudar a melhorar nosso ofício de professor.

Cabe destacar que a EJA tem sido uma área marcada por muitos programas e campanhas, em nosso país. Urge a construção de uma política para a educação de jovens e adultos. Nessa construção, cabe também à universidade um papel muito importante: incluir o tema no rol dos estudos emergentes, garantindo-lhe o espaço devido como fomento aos projetos de pesquisa na área.